

## O 4º CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO DE PERNAMBUCO

Pernambuco festeja hoje o quarto centenário da chegada de Duarte Coelho, nomeado donatário da capitania por carta régia de Dom João III, de 10 de março de 1534.

Entrando pela barra de Itamaracá e tomando posse da capitania que lhe fora doada, Duarte Coelho vinha iniciar praticamente a colonização portuguesa em Pernambuco.

E esta já se fazia esperar, prejudicando mesmo nos seus 35 anos de demora os interesses de Portugal. Isto porque a pirataria francesa já travara relações com a índia. Formaram alianças. Uniram-se franceses e tupinambás em reação contra os lusos que vinham comerciar o pau-brasil da terra que lhes pertencia por direito de descoberta.

A colonização do Brasil já se fazia sentir. Abandonada à pirataria dos estrangeiros, entregue aos índios uns bravos, atçados pelo Mar, pondo em perigo qualquer ponto estável dos portugueses, outros mansos, aceitando acordos de paz e alianças comerciais, a colônia clamava o socorro luso. E este teria interesse em dar mão à colônia para que não viesse a perder aquilo que a diplomacia portuguesa em Tordesilhas tinha encaminhado à descoberta.

Daí a colonização mais prática com a divisão do Brasil em capitanias hereditárias.

Isto feito, coube a Duarte Coelho, fidalgo da casa real, como na própria doação está expresso, "sessenta léguas de terra na costa do Brasil, as quais se começarão no rio de São Francisco, que é do cabo de Santo Agostinho para o sul, e acabarão no rio que cerca em redondo toda a ilha de Itamaracá."

Aí, neste terreno, bem perto do rio de Santa Cruz, havia Cristóvão Jacques fundado a feitoria de Pernambuco.

Neste mesmo local, Duarte Coelho veio erguer a sua capitania. Foi em Igarassu, pois, que se iniciou a colonização lusa em Pernambuco. De Igarassu, Duarte Coelho transferiu depois a sede da Capitania para Olinda, situação melhor, numa colina, conquistada aos índios à custa de guerrilhas e penosos sacrifícios.

Duarte Coelho, fidalgo de tradição, era portador de um amplo programa de colonização. Trazia o donatário um raro espírito de empreendedor. Da sua ação, da sua eficiência administrativa, falam todos os cronistas. Falam ainda mais os próprios fatos. Foi a capitania de Pernambuco a que tomou maior desenvolvimento.

Das outras muitas voltaram à coroa, ora pela morte de donatários, ora pelo fracasso administrativo. No sul somente São Vicente se desenvolveu. No norte, Pernambuco. Desde então, a capitania de Duarte Coelho tomou o papel de irradiador da cultura no nordeste.

Daqui partiram os planos de ação e colonização para as terras vizinhas - Alagoas, cujo território estava compreendido no da capitania doada a Duarte Coelho, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão.

Até o extremo norte chegou o espírito pernambucano, através da figura de Jerônimo de Albuquerque.

Na sede da capitania - a velha Marim dos índios, transformada na Olinda dos portugueses - o desenvolvimento se fazia sentir de modo significativo.

Os engenhos progrediram, a começar do de Nossa Senhora da Ajuda, fundado por Jerônimo de Albuquerque; o senhor de engenho era o aristocrata colonial, possuidor de numerosos escravos, objetos de ouro, trajes de veludo e damasco; a opulência dos Olindenses, a riqueza no trajar das mulheres, chamavam a atenção dos cronistas, e Fernão Cardim, padre

visitador da Companhia de Jesus, traça páginas saborosas do esplendor de Olinda no primeiro século.

Tudo isto, não há dúvida, se deve à figura de Duarte Coelho, com o seu plano colonizador cuja eficiência foi notável e se reflete em todo o Pernambuco colonial. A sua chegada a 9 de março de 1535 é o ponto inicial desta grande obra.

Justas, portanto, as homenagens com que hoje se recorda esta data, significativa para a vida pernambucana e de grande relevo na história nacional.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, mar. 1935. Artigo publicado no livro Tempo de Jornal, 1998.